

MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM: ANÁLISE DE NARRATIVA A LUZ DO “L2 MOTIVATIONAL SELF SYSTEM”

Paula Silva Abreu¹

¹UFMG/FALE/Laboratório SEMIOTEC, pasbreu@ufmg.br

Resumo: Entender os fenômenos, aspectos, processos que envolvem a aquisição de segunda língua é fundamental para a melhoria do aprendizado dos alunos e para a formação de professores de línguas mais capacitados. Este trabalho apresenta uma discussão acerca das motivações que estão por trás dos processos de aprendizagem de uma L2 a partir da análise de uma narrativa de aprendizagem.

Palavras-chave: Narrativas de vida. Motivações. L2. Aprendizagem de Inglês.

1. Introdução

Entender os fenômenos, aspectos, processos que envolvem a aquisição de L2 é fundamental para que possamos melhorar constantemente o aprendizado dos alunos e para a formação de professores de línguas mais capacitados. Nesse trabalho, busco apresentar uma discussão acerca das motivações que estão por trás dos processos de aprendizagem de uma L2. Para isso, realizo a análise de uma narrativa de aprendizagem produzida por um aluno de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. Para compreender o conceito e os elementos que envolvem as motivações, utilizo, adaptando ao contexto, o Sistema Auto Motivacional de Aprendizagem de Segunda Língua desenvolvido por Dörnyei (2005). A escolha por esse caminho de reflexão aconteceu a partir da própria narrativa analisada, que apresentava muitos elementos que chamavam a atenção para esse fator motivacional que foi intensamente fundamental para a aquisição do Inglês para o participante. Trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida como atividade final da disciplina citada em que o participante é, portanto, um falante de Português como língua materna e que tem a língua inglesa como L2. O objetivo principal é observar como a motivação influenciou o processo de aquisição do Inglês para esse participante.

2. Motivação na Aprendizagem de Segunda Língua

Motivação é compreendida por Zoltan Dörnyei (2016) fundamentada no entendimento de “visão”. Para o autor, a visão de si mesmo pode levá-lo a ação. Assim, o estudante de uma segunda Língua, quando projeta uma imagem de si mesmo para um futuro em que pode tornar-se um falante de L2, sente-se mais motivado a dedicar-se aos estudos. Dörnyei (2016) afirma que a visão de si mesmo é um dos mais importantes elementos a ser trabalhado em estudantes de segunda língua, atribuindo esse papel também aos professores.

Csizér & Dörnyei desenvolvem em 2005 o “L2 Motivational Self System”. O sistema é dividido em três componentes diferentes de “selves”, a saber: “self ideal”, “self

obrigatório” e “experiência de aprendizagem de L2” – traduções dos termos de acordo com Mota e Azeredo (2009). O self ideal é um dos mais relevantes do modelo e tem ligação com a auto imagem que o aprendiz de uma língua projeta de si mesmo e a imagem que deseja alcançar como fluente em L2. O self obrigatório tem relação com os “atributos que alguém acredita que um deve possuir (ou seja, o senso de deveres pessoais ou sociais, obrigações ou responsabilidades de alguém)” (Dörnyei, 2016). As experiências de aprendizagem de L2, último componente, referem-se a fatores situacionais específicos de contextos e experiências de aprendizes.

O componente self ideal é desmembrado, segundo Dörnyei (2005), em outros componentes. Dentre eles tem-se a integratividade, que pode ser entendida como o processo pelo qual se constrói uma identificação (uma identidade) com relação a cultura e aos falantes da L2.

A variável da instrumentalidade diz respeito às “razões” do sujeito para desejar aprender uma segunda língua, e está muitas vezes relacionada à interesses profissionais. O último componente é a atitude positiva com relação aos englobantes de uma língua (falantes, cultura, contexto etc.)

O Sistema de Automotivação de Aprendizagem de Segunda Língua geralmente é aplicado e utilizado como ferramenta de pesquisa a partir de questionários adaptados de um conjunto de perguntas elaborado por Dörnyei (2005) para levantar dados que comprovem as discussões sobre motivação que o autor empreendeu. Nesse trabalho, porém, utilizei o sistema articulado à análise de uma narrativa de aprendizagem de Inglês e nenhum dos dados levantados é oriundo de questionários.

3. Descrição de metodologia e procedimentos

A análise de narrativas é um tipo de pesquisa qualitativa que envolve o estudo de narrativas produzidas por participantes em determinada pesquisa.

Nesse trabalho de análise procurei entender como o participante que narrou seu processo de aprendizagem de Inglês teve seus *selves* e, conseqüentemente, sua motivação construída e sendo construtora dos conhecimentos que ele produziu durante os estudos da L2.

Para isso, articulei a pesquisa narrativa ao Sistema de Auto Motivação da L2 de Dörnyei (2005) para analisar a narrativa de [Phelippe Nathaniel Ribeiro Oliveira](#), aluno da Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. A narrativa de Phelippe foi coletada durante o percurso do Seminário em Pesquisa Narrativa.

O objetivo que busco alcançar ao analisar a narrativa é de tentar compreender como se estabeleceram o *self* ideal e o *self* obrigatório do participante durante sua trajetória como aprendiz de Inglês, buscando compreender se as motivações tiveram papel relevante na consolidação do processo, para que Phelippe dominasse a L2.

4. Análise de trechos da narrativa.

Self Ideal

Como o fator motivação teve destaque durante toda a narrativa produzida pelo participante, não pude desviar a atenção desse fato. Então a análise de dados mostra a motivação (e construção de identidade) que está por trás da aprendizagem de L2.

O tempo narrativo da produção de Phelippe envolve desde a infância (“Minha trajetória como aprendiz de inglês como língua estrangeira teve início em 1994. Tenho a clara memória de quando, aos sete anos...”) até a atualidade como estudante de Pós Graduação. No início da história, o participante narra sobre um CD de músicas do filme Aladdin (1992) que ele e a mãe compraram juntos sem perceber que continha apenas a versão em inglês das canções. A meu ver, o processo de integratividade pode ser observado já nesse primeiro contato mais atento do garoto com a língua inglesa.

- (1) O que eu e minha mãe não havíamos percebido naquela ocasião (...) era que o CD continha apenas as versões em inglês das músicas do filme. Lembro que, *ao contrário da frustração que minha mãe demonstrou com a compra, eu me senti desafiado a aprender a cantar todas aquelas músicas em inglês*, ainda que sem entender o significado das letras, e o encarte virou meu único material de leitura por muitos meses!

Retomando o entendimento de integratividade como estando ligado com a identidade do aprendiz com relação aos falantes e à cultura da segunda língua (Inglês), é possível perceber que Phelippe, de alguma forma se identificou psicológica e emocionalmente com a língua com a qual as canções eram cantadas. E mesmo que informalmente e de maneira ainda não sistematizada, iniciou sua aprendizagem da língua por conta própria, se desafiando a aprender a cantar as músicas.

Essa identificação é reforçada logo na sequência, no momento em que Phelippe afirma que a decisão dos pais de matriculá-lo na escola de Inglês fez com que o interesse dele crescesse ainda mais.

- (2) *Aqueles recursos intensificavam em mim a sensação de estar em contato com “o mundo lá fora” e me inserir num universo completamente novo.*
- (3) Uma professora em especial, a *teacher* Helaine, que me deu aulas em 1998, foi a maior responsável pela consolidação do meu interesse por inglês e pela minha escolha precoce em transformá-lo em um futuro ofício. Helaine era *cool*. (...) Havia ainda o *English Club*, do qual participei e até mesmo cheguei a presidir, e, mais tarde, os *Harry Potter Days* e outros eventos de imersão no idioma que ela nos proporcionava aos sábados.
- (4) Motivado pelas minhas necessidades profissionais, pelo meu interesse em me desenvolver profissionalmente e vivenciar um pouco da cultura de um país de língua inglesa, comecei a poupar dinheiro para, assim que terminada a faculdade, passar um tempo nos Estados Unidos, o que consegui viabilizar em 2009.

Percebi que ao longo do texto continuaram aparecendo vários trechos (apresentados e destacados acima) que demonstravam como o participante foi se identificando e se envolvendo ainda mais com a cultura e com os falantes da língua inglesa que estava aprendendo. Dos elementos que dei destaque no trecho (3), penso que ao apropriar-se de termos em inglês como “teacher” e “cool” para

descrever a professora, o participante revela uma “liberdade” para usar a língua inglesa atualmente que também pode representar a integratividade por trás das motivações para aprender o Inglês. O trecho (4) deixa evidente mais uma vez o desejo por ter contato com a cultura inglesa – que pode revelar a construção de uma identidade psicológica e emocional com a L2). O caminho que desejo traçar aqui é de perceber como os elementos integratividade, atitude positiva com relação aos falantes e a cultura de língua inglesa e instrumentalidade foram acontecendo no processo de aprendizagem de Inglês de Phelippe. O meu intuito maior é apontar para o modo como a *self* ideal foi sendo consolidada. A instrumentalidade – grosso modo, as razões para aprender inglês – foi apresentada também em alguns trechos da narrativa.

- (5) Uma professora em especial, a *teacher* Helaine (...) foi a maior responsável pela consolidação do meu interesse por inglês e pela minha escolha precoce em transformá-lo em um futuro ofício.
- (6) Desde mais novo tinha bastante certeza de que cursaria Letras na faculdade, mas, pressionado por amigos, pela família e até mesmo por alguns professores, que viam com algum demérito a profissão de professor, acabei optando por Direito na UFJF.
- (7) Logo no primeiro período, comecei a dar aulas particulares de inglês para custear a faculdade particular, e uma professora me convidou para estagiar em uma escola bilíngue da cidade, onde trabalhei de 2004 a 2008. Motivado pelas minhas necessidades profissionais, pelo meu interesse em me desenvolver profissionalmente e vivenciar um pouco da cultura de um país de língua inglesa, comecei a poupar dinheiro para, assim que terminada a faculdade, passar um tempo nos Estados Unidos, o que consegui viabilizar em 2009.

Todos os trechos acima apontam para o fato de que uma das principais razões de se aprender Inglês para Phelippe está relacionada aos seus interesses profissionais (de tornar-se professor de Línguas) e de crescer profissionalmente também amparado pelo domínio da L2.

Ao articular a teoria à análise da narrativa, pude perceber que a construção que Phelippe realizou de sua auto imagem ideal (*self* ideal) é positiva, consolidada e, atualmente, acredito que extremamente aproximada de seu *self* real, da imagem que gostaria de atingir como falante de Inglês como L2. Essa afirmação pode ser feita tanto pelo apontamento realizado anteriormente de como o processo de aprendizagem do participante tenha como salientes a integratividade, a instrumentalidade e a atitude positiva com relação aos falantes e a cultura inglesa, quanto pela afirmação de que o *self* ideal envolve a presença desses três elementos.

- (8) O que eu e minha mãe não havíamos percebido naquela ocasião – e hoje acredito que as coisas aconteceram exatamente da maneira como deveriam ter acontecido – era que o CD continha apenas as versões em inglês das músicas do filme.
- (9) (...) com uma bolsa para prestar o *Preliminary English Test*, da Universidade de Cambridge, no qual fui aprovado com mérito, o que me encheu de orgulho e autoconfiança. Esta experiência foi de fundamental importância para os meus estudos na medida em que pela primeira vez me senti validado como falante de inglês.
- (10) Eu poderia até não ter a mesma “destreza linguística” dos meus colegas de sala, mas eu compensava esta diferença com minha experiência prévia de sala de aula, e todos pareciam gostar muito das atividades que eu planejava e das contribuições que eu fazia a partir de episódios que eu já trazia em minha pequena experiência como professor.

As partes da narrativa destacadas acima me ajudaram a enxergar como Phelippe construiu seu *self* ideal. É perceptível que, à medida que ele se aperfeiçoava no

aprendizado da língua, adquiria também mais confiança, se via transformado pela Língua e capaz de utilizar o Inglês para comunicar-se com falantes nativos, como fica mais explícito nos trechos. Além disso, pude perceber que Phelippe valoriza o contato intenso com a língua inglesa - seja no cotidiano no Brasil, seja com viagens para o exterior – e isso faz com que ele tenha ainda mais confiança em si mesmo como falante do Inglês, como discutem Dörnyei e Csizér (2005). Segundo os autores, o contato mais frequente com a L2 ajuda na construção da autoconfiança, o que beneficia a aprendizagem.

Self Obrigatório

Existem crenças, nem sempre fundamentadas em verdades, que mantemos em nós principalmente com relação à aquisição de uma segunda língua, que se tornam muito enraizadas. É nesse sentido que um *self* obrigatório se manifestou na narrativa de Phelippe, consequentemente no seu processo de aprendizagem do inglês.

Phelippe julgava necessário dominar quase como um nativo a pronúncia do Inglês para sentir-se preparado para comunicar-se com falantes da língua. Felizmente, esse julgamento transformou-se em motivação para que ele estudasse ainda mais a língua, em seus aspectos fonéticos e fonológicos. Mas, além de tudo, Phelippe entendeu que o sotaque que eventualmente possuía não representava um impedimento para que ele utilizasse a Língua nos diferentes contextos de interação.

Experiências de Aprendizagem de L2

Além dos selves (ideal e obrigatório), fatores situacionais como o ambiente de aprendizagem e os professores envolvidos no ensino de línguas são influentes e motivadores de atitudes positivas ou negativas com relação à aprendizagem.

Na narrativa, pude verificar que ele reconhece em professores a chave da motivação em alguns momentos dos seus aprendizados de Inglês. Mais do que isso, para Phelippe os aparatos tecnológicos somados ao interesse pela língua contribuíram para os resultados positivos que ele foi alcançando.

- (11) Lembro que o aparato tecnológico do curso, que consistia de gravadores, fitas cassete e projetores de slides, me impressionava muito, e aqueles recursos, assim como os computadores disponibilizados para os alunos nos quais realizávamos nossas tarefas, intensificavam em mim a sensação de estar em contato com “o mundo lá fora” e me inserir num universo completamente novo.

Phelippe domina o conhecimento de que quanto maior o contato com uma língua, mais chances existem de tornar-se fluente. Além disso, para ele a tecnologia foi importante fator motivacional na infância (11) e tornou-se também uma ferramenta útil e eficiente na atualidade, para mantê-lo em contato com o Inglês. A professora Helaine é uma figura de muita importância para a aprendizagem de Phelippe, como é possível perceber pela maneira como ele a descreve, com um misto de admiração, inspiração e reconhecimento das habilidades profissionais da professora para motivar seus alunos.

A narrativa de aprendizagem desse participante apontou para a motivação como motora da aprendizagem e por isso escolhi o Sistema de Dörnyei para sustentar essa análise narrativa.

5. Considerações Finais

A aprendizagem de segunda língua é permeada por diversos aspectos contextuais individuais e coletivos que influenciam de modo positivo ou negativo o aprendiz. Dentre eles, a motivação vem sendo estudada cada vez mais e eu pude perceber, concordando com os autores citados, que esse aspecto é muito relevante para o processo de aquisição de L2.

Nesse trabalho, ficou evidente que o "self ideal" de Phelippe foi construído de forma muito positiva e com muita facilidade, já que ele apresentou-se como sendo capaz de aprender a Língua, definindo objetivos muito claros para alcançar suas metas, seu "self real". Envolvido sempre por sentimentos de autoconfiança e de orgulho de si mesmo, Phelippe soube que poderia tornar-se fluente e esse foi um dos traços mais marcantes da motivação que alimentou a aprendizagem do participante investigado.

O "self obrigatório" não foi um elemento que teve tanto destaque na análise nessa pesquisa. Porém as concepções que Phelippe acreditava serem importantes para que ele fosse considerado como fluente em Inglês foram também representativas para os aspectos motivacionais do sucesso que ele alcançou como aprendiz.

Com relação às experiências de aprendizagem de L2, o próprio participante, como aponte na análise, reconhece professores que foram influentes na aprendizagem dele. Comprometo-me com a afirmação de que, na construção do "self ideal", Phelippe enxergou na Professora Helaine alguém para espelhar-se e por isso, moldou parte de sua auto imagem com base na educadora. Além disso, as formas de ensinar dos professores, os materiais didáticos chamativos, os recursos tecnológicos, as experiências de imersão com as viagens para outros países, entre outras práticas e ferramentas serviram e continuam contribuindo para que Phelippe desenvolva ainda mais a fluência na língua inglesa e apresente interesse na aquisição de outras línguas, como o Francês.

Esses apontamentos foram levantados lançando luz a Pesquisa Narrativa que, articulada a teoria de Dörnyei (2005), possibilita a observância da influência da motivação para os processos de ensino e de aprendizagem de L2.

Referências

CSIZÉR, Kata; DÖRNYEI, Zoltán. Language learners' motivational profiles and their motivated learning behaviour. **Language Learning**, v. 55, n. 4, p. 613-659, 2005.

DÖRNYEI, Zoltán. **The psychology of the language learner: Individual differences in second language acquisition**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2005.

DÖRNYEI, Zoltán. **Motivating learners and teachers through vision**. Realização de Zoltan Dörnyei. Inglaterra: Cambridge University Press, 2016. (47 min.), P&B. Série Better Learning Conference.